

O neoliberalismo e a lógica cultural pós - moderna: tempos de crise e avanço conservador

Otávio Augusto Cunha*

Resumo: Esse artigo tem como objetivo apontar, primeiramente, como o neoliberalismo e a lógica cultural pós-moderna são frutos de uma mesma fração ideológica estratégica de dominação de classes, na qual a manutenção do modelo capitalista atual se ancora justamente na disseminação de uma cultura desistoricizada, que rejeite as grandes narrativas e que declare o fim do sujeito e da história. No momento de crise e de contestação desse sistema com intenso avanço de movimentos de ultra direita, é necessária a retomada de uma crítica dialética, humanista e historicista que possa superar o relativismo pós-moderno e se contrapor ao avanço conservador dos tempos atuais.

Palavras-chave: Neoliberalismo, Hegemonia, Cultura.

Neo - liberalism and postmodern cultural logic: times of crisis and conservative advance

Abstract: This article aims to point out, firstly, how neoliberalism and postmodern cultural logic are the fruits of the same strategic ideological fraction of class domination, in which the maintenance of the current capitalist model is anchored precisely in the dissemination of a de-historicized culture, That rejects the great narratives and that declares the end of the subject and the history. In the moment of crisis and the challenge of this system with an intense advance of ultra-right movements, it is necessary to retake a dialectical, humanistic and historicist critique that can overcome postmodern relativism and oppose the conservative advance of today's times.

Keywords: Neoliberalism, Hegemony, Culture.

1. O fenômeno conhecido como neoliberalismo não deve ser interpretado como um modelo econômico próprio e inovador. Na verdade, o neoliberalismo se constitui como uma nova fase do próprio sistema capitalista consolidado no século XIX, ou seja, todas as contradições presentes no modelo anterior se intensificam dentro dessa perceptiva econômica. A divisão das classes sociais, a pauperização dos trabalhadores, desregulamentação total da economia, abertura comercial plena a valorização do privado em relação ao público (privatizações em massa) e principalmente a extração de mais – valor¹ como ferramenta de dominação fundamental da classe burguesa. Não há nada de novo no neoliberalismo que não tenha sido analisado e criticado por Marx ao se

¹ De acordo com Mário Duayer, a palavra alemã *mehrwert* usada por Marx deve ser traduzida como mais-valor e não mais-valia.

*Doutorando em História pela Universidade Federal Fluminense (UFF)

referir ao tipo de funcionamento econômico da sociedade burguesa e a suas principais diretrizes para desigualdade social e acumulação da riqueza.

O momento de emergência do neoliberalismo no plano prático é justamente o declínio daquilo que ficou conhecido como o Estado de Bem-Estar Social. De acordo com Eric Hobsbawm (1995), essa forma política perdurou no intervalo do fim da segunda guerra mundial até ser superado após a crise do petróleo de 1974. Durante esse período, entendia-se que eram direitos públicos os investimentos de segurança mínima nas áreas de saúde, educação, transporte público, regulação de investimentos e, principalmente, com a presença forte do estado como interventor econômico, ou seja, o Estado garantiria direitos públicos básicos de todos os cidadãos previstos por constituição. Assim, o reformismo do Estado do Bem Estar vislumbrou tornar possível uma compatibilidade entre capitalismo e democracia. O conflito de classes não desapareceu, mas se institucionalizou. A extensão dos direitos políticos e o sufrágio universal possibilitou canalizar os conflitos sociais para as instituições políticas, transformando as demandas populares mais urgentes em direitos atendidos.

A base econômica dessa fase do capitalismo nos países mais desenvolvidos parecia pôr fim à maioria dos conflitos latentes entre as classes na sociedade, uma vez que com globalização e a ideologia de integração dos trabalhadores à esfera do consumo, esse fenômeno fez muitos teóricos interpretarem a realidade como insuperável, na qual o proletariado não mais seria a classe responsável pelas transpirações sociais que visavam o socialismo e a igualdade. A partir do ano de 1974, com a deflagração da crise internacional do petróleo, ficava exposto o esgotamento daquele modelo de desenvolvimento baseado na socialdemocracia, em que mais uma crise de superacumulação do capitalismo deixava clara a necessidade do aumento da taxa de lucros por parte do grande capital. Esse aumento de lucros passaria – justamente – por uma diminuição da força do estado como regulador econômico e com responsabilidades sociais. Agora a necessidade do aumento de lucros exigia o rompimento com o modelo de socialdemocracia vigente até então e o capital não mais poderia suportar todo custo de manutenção do Estado de Bem-Estar Social, era necessário desregular a atuação do estado e aperfeiçoar as formas de dominação do capitalismo.

Tem início um período em que o capitalismo necessita de uma série de ajustes para recuperar suas taxas de lucro. O Estado, então, avança na desregulamentação das relações de trabalho (terceirizações) e para atender ao capital, até mesmo na política de

intervenções militares para garantir suas necessidades lucrativas². Consolida-se, então, um processo marcado fundamentalmente pela desconstrução do Estado de Bem-Estar Social, com o corte nos investimentos em políticas públicas de saúde, educação, assistência social, transporte, habitação e pela enorme redução das medidas limitadoras ao fluxo de capitais (impostos e taxas alfandegárias), pela consolidação da economia, cada vez mais, transnacional com o predomínio do capital financeiro, pelo aumento dos níveis de desemprego e pelo deslocamento do investimento no setor produtivo para o setor de serviços (ex: telecomunicações), o que é de particular interesse para compreendermos o aumento do poder de dominação cultural das classes dominantes e a disseminação de um tipo de cultura ahistórica. A ideologia neoliberal, ao interpretar que o mundo viva um novo momento, afirma que com o aumento do fluxo de capitais, o aumento de bens e serviços e o sucesso dos mercados, a sociedade seria levada a uma configuração mais dinâmica e igualitária. Essa sociedade globalizada e inserida na falsa perspectiva de uma sociedade de consumo seria o melhor dos mundos para a prosperidade social de todos os indivíduos. Seria também a salvação dos países periféricos que recorreram em massa ao FMI e aplicaram políticas de desregulação estatal em suas economias, seguindo a cartilha neoliberal.

De acordo com o economista marxista Marcelo Carcanholo no artigo chamado *A atual ideologia conservadora e o capitalismo contemporâneo: uma crítica à teoria pós-moderna neoliberal*, é possível identificar quatro etapas fundamentais para compreender a gestação do pensamento neoliberal: a primeira fase se caracteriza pelos estudos do economista ortodoxo Friedrich Hayek e seu livro *Caminhos da servidão*, de 1947, em que o autor faz severas críticas ao intervencionismo estatal, presente nos estados de Bem Estar Social. Apesar da importância de sua obra, o pensamento de Hayek perdia para o sucesso das teorias keynesianas que pautavam a política do “welfare state”. A segunda fase inicia-se a partir dos anos de 1960 até meados dos anos 1970, quando os discípulos de Friedrich Hayek, e também de Milton Friedman, ganham destaque no meio acadêmico norte-americano, tornando hegemônica a tendência neoliberal (esses economistas ocupariam posições de destaque na condução política e econômica mundial nas décadas seguintes e experimentariam suas teorias, primeiramente, em países periféricos como é o caso do Chile a partir de golpe de 1973). A terceira etapa é justamente a saída da ideologia neoliberal do campo teórico para o campo prático,

² O caso brasileiro, a partir de 1964, assim como no Chile e Uruguai, em 1973 e ainda na Argentina de 1976.

quando da chegada ao poder de forças políticas liberais e conservadoras como Margareth Thatcher na Inglaterra, em 1979, e Ronald Reagan nos EUA, em 1980. Aqui vale recordar a afirmação da primeira ministra britânica sobre a necessidade de desregulamentação das economias: “não há alternativa”. As primeiras medidas econômicas adotadas por esses governos foram justamente o fim das políticas keynesianas do Estado de Bem-Estar Social, com a desregulação dos mercados, privatizações de bens públicos e incorporação dessas ideias em instituições como FMI e Banco Mundial também nos países que recorrem a esses fundos monetários, principalmente os países periféricos da América Latina. A quarta etapa, seria a crise do bloco socialista a partir dos anos 1980 até o colapso total da URSS, momento no qual as ideias neoliberais se afirmavam com mais intensidade por se oporem tanto ao modelo keynesiano como também ao tipo de economia planificada dos estados socialistas.

Em 1989, a cartilha neoliberal começa a ser delimitada pelos países centrais naquilo que ficou conhecido como “Consenso de Washington”³, onde diversos economistas liberais de todo o mundo passaram a traçar os objetivos para superação da falência do Estado de Bem-Estar Social em relação às pretensões do capitalismo. O caminho traçado foi à saída do Estado da posição de promotor de políticas públicas, se restringindo a uma espécie de agitador econômico através de medidas penosas para as classes trabalhadoras como a disciplina fiscal, diminuição dos investimentos Estatais em áreas essenciais, constituindo a ideologia de um suposto Estado Mínimo (ausente), arrocho salarial, isenções fiscais para grandes empresas, determinação das taxas de juros pelos mercados financeiros domésticos, a mudança na prioridade das despesas públicas, abertura comercial, aumento dos investimentos estrangeiros, a privatização de empresas estatais e a manutenção da garantia de direito à propriedade. Dessa forma, os países periféricos, inclusive o Brasil à época de sua redemocratização, seguiram à risca o receituário neoliberal e se aproximaram de organismos internacionais como Banco Mundial e FMI para recorrer a empréstimos exorbitantes que desencadearam em uma dívida externa brutal nos anos posteriores – o que ainda hoje demonstram o caráter dependente dessas economias no cenário internacional.

³ O **Consenso de Washington** foi como ficou popularmente reconhecido um encontro ocorrido em 1989, na capital dos Estados Unidos. Nesse encontro, realizou-se uma série de recomendações visando ao desenvolvimento e à ampliação do neoliberalismo nos países da América Latina. Essa reunião foi convocada pelo Institute for International Economics, sob o nome de “Latin Americ Adjustment: Howe Much has Happened?”, e envolveu instituições e economistas de perfil neoliberal, além de alguns pensadores e administradores de países latino-americanos.

2. Se com W. Mills (1959) o termo pós-moderno passa a designar um período da história⁴, é justamente no cenário de afirmação do receituário neoliberal que o livro *a condição pós-moderna* (1979) do filósofo francês François Lyotard, encomendado pelo governo da província de Quebec, tentava descartar, de uma vez por todas, os preceitos narrativos do cristianismo, do iluminismo e do marxismo para anunciar uma nova sociabilidade e uma nova forma de ler a realidade sob o ponto de vista da vitória do mercado, ou seja, do reino do privado. O objetivo de Lyotard era desacreditar qualquer forma de crítica que levasse em conta a análise da totalidade e a possibilidade de transformação total e irrestrita da estrutura mercadológica da sociedade capitalista. Em um período de profunda crise do Stalinismo e do Estado de bem estar social, a “nova” época designada por Lyotard parecia se concretizar com o surgimento de um sem número de lutas fragmentadas que reagiam ao sistema vigente e, sobretudo ao medo do período da guerra fria. O movimento negro, o movimento feminista, as lutas ambientais e a reivindicação de um pluralismo cultural e religioso demonstrava a descrença em projetos políticos totalizantes, que elevassem a crítica para além dos imediatismos de cada grupo social. De acordo com Perry Anderson (1999, p.32):

“Para Lyotard, a chegada da pós-modernidade ligava-se ao surgimento de uma sociedade pós-industrial – teorizada por Daniel Bell e Alain Touraine – na qual o conhecimento tornara-se a principal força econômica de produção numa corrente desviada dos Estados Nacionais, embora ao mesmo tempo tendo perdido suas legitimações tradicionais. Porque, se a sociedade era agora melhor concebida, não como um todo orgânico nem como um campo de conflito dualista (Parsons ou Marx) mas como uma rede de comunicações lingüísticas, a própria linguagem – “todo o vínculo social” – compunha-se de uma multiplicidade de jogos diferentes, cujas regras não se podem medir, e inter-relações agonísticas”.

O fim da possibilidade de grandes narrativas e de grandes transformações (nas palavras de Gramsci: a grande política) são para alguns autores pós-modernos o elo de análise para a compreensão apocalíptica da realidade. Não por faltar realidade, mas por uma suposta hiper-realidade. De forma que, a rejeição a uma crítica dialética e historicista, que compreendesse a luta de classes e papel da hegemonia de um grupo social sobre os demais, descamba para uma rejeição total do sujeito como agente transformador da totalidade social e determina a relação de complementaridade entre o discurso adotado pelos meios oficiais para justificar o neoliberalismo, orientado pela

⁴ MILLS, Wright C. A imaginação sociológica. 2ª Edição. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1969.

lógica do pensamento único, e o pós-modernismo enquanto discurso utilizado para a legitimação do modelo neoliberal nos meios intelectuais. Essa realidade é o cerne da disseminação do pensamento pós-moderno. Quando o capitalismo neoliberal aparece como a única opção possível, se intensifica a visão pós-moderna de impossibilidade de transformação total da sociedade, e justamente essa tentativa de transformação seria a causadora dos principais problemas sociais, como guerras e conflitos. Como resultado dessa impossibilidade de compreensão da práxis social pelos sujeitos, o pensamento pós-moderno ganha força ao cultivar a “diversidade” como estratégia mais indicada para qualquer tipo de ação política na sociedade. Como observa David Harvey,

Mas se, como insistem os pós-modernistas, não podemos aspirar a nenhuma representação unificada do mundo, nem retratá-lo com uma totalidade cheia de conexões e diferenciações, em vez de fragmentos em perpétua mudança, como poderíamos aspirar a agir coerentemente diante do mundo? A resposta pós-moderna simples é de que, como a representação e a ação coerentes são repressivas ou ilusórias (e, portanto, fadadas a ser autodissolventes e autoderrotantes), sequer deveríamos tentar nos engajar em algum projeto global. O pragmatismo... se torna então a única filosofia da ação possível. (Harvey, 2007, p.55)

Agora, cada grupo social deve valorizar o seu lugar de fala, rejeitar qualquer projeto político totalizante e principalmente abandonar a ideia do socialismo como orientação fundamental de suas lutas, esse culto ao diverso é consequência de uma realidade onde o próprio capitalismo como sistema totalizante não existiria mais, o que configuraria a dificuldade de uma crítica total à ordem vigente. O que percebemos é que o projeto iluminista, matriz do modernismo, é o principal objeto de rejeição do pós-modernismo. As premissas pós-modernistas, que se demonstram como as mais avançadas são, na verdade, uma operação ideológica de descrédito no sujeito como capaz de compreender a práxis e nas perspectivas que almejam outra forma de sociedade. Negam as possibilidades da autonomia dos sujeitos e reduzem o destino humano ao aprisionamento, seja nas estruturas da linguagem, seja nas micro e macroestruturas da sociedade, ou seja, o pós-modernismo, assim, não está proferindo outra narrativa sobre a história, apenas negando que a história tem forma de história (EAGLETON, 1996). Entretanto, o que gostaríamos de deixar claro é que o pensamento pós-moderno e sua disseminação após a implantação do neoliberalismo são frutos de uma mesma fração ideológica irracional proposta pela classe burguesa num determinado período histórico. Assim, o capitalismo em sua forma neoliberal tem impacto direto na

organização da sociedade civil e na afirmação da hegemonia (no sentido gramsciano) exercida por essas frações dominantes, o que fica exposto principalmente no terreno da cultura no período de intensa globalização avanço tecnológico dos meios de comunicação. Como afirma Ellen Wood:

(...) Não há, com efeito, melhor confirmação do materialismo histórico que o vínculo entre cultura pós-moderna e um capitalismo global segmentado, consumista e móvel. Nem tampouco uma abordagem materialista significa que temos que desvalorizar ou denegrir as dimensões culturais da experiência humana. Uma compreensão materialista constitui, ao contrário, passo essencial para liberar a cultura dos grilhões da mercantilização. (Wood, 1996, p.18)

É nesse sentido que Fredric Jameson, em seu ensaio *O pós-modernismo: a lógica cultural do capitalismo tardio* aponta que o capitalismo em sua fase tardia (neoliberal) se apoia num padrão cultural desistoricizado e ahistórico que reforça a ideologia do pensamento único, da impossibilidade da contestação da ordem do capital. O pós-modernismo enquanto padrão cultural se consolida no momento de afirmação do neoliberalismo e se potencializa com a expansão de um mercado de bens simbólicos que tem por objetivo a reificação da consciência dos indivíduos, apoiado no fenômeno que conhecemos como globalização. O aumento dos investimentos nos setores voltados ao entretenimento redimensiona o caráter alienador da indústria cultural, como já tinha sido exposto e analisado de forma pessimista pela teoria crítica da escola de Frankfurt⁵. O que fica evidente é a propagação da lógica mercantil da cultura, onde o valor de troca sobrepõe o valor de uso e os indivíduos não mais se comportam como sujeitos; e sim como meros objetos consumidores desses itens simbólicos. O papel ideológico de setores de comunicação, como jornais, revistas, televisão e indústria do entretenimento, passa a ser fundamental para a manutenção da ordem, pois é no terreno da cultura que as forças irracionistas ganham cada vez mais força na sociedade capitalista neoliberal, reforçando a dominação ideológica do pensamento único, sem alternativas. A lógica cultural pós-moderna é, segundo Jameson, uma mera adaptação acrítica que toma um objeto como verdade sem nenhuma reflexão, sendo próprio dessa lógica cultural negar veementemente o caráter revolucionário e histórico da cultura, ou seja, aceitar o

⁵ MÉSZÁROS, István. O poder da ideologia. São Paulo: Boitempo, 2004. P. 152 - 203

pastiche⁶ como mera adaptação, sem reflexão, inexoravelmente reafirma a negação do caráter revolucionário dos indivíduos como sujeitos ativos na sociedade.

Dessa forma, a neoliberalização se completa na tentativa de construção de um consentimento político dos sujeitos, consentimento esse que tem como fundamento uma nova relação entre Estado e sociedade civil em função de novas estratégias culturais assumidas pela multiplicação de aparelhos privados de hegemonia, corporações e, principalmente, meios de comunicação, ONG's ou fundações sem fins lucrativos (Fasfil). Virgínia Fontes reúne os elementos necessários para a aplicação dessa crítica:

Os aparelhos privados de hegemonia são a vertebração da sociedade civil, e se constituem das instâncias associativas que, formalmente distintas da organização das empresas e das instituições estatais, apresentam-se como associatividade voluntária sob inúmeros formatos. Clubes, partidos, [...] entidades as mais diversas se implantam ou se reconfiguram a partir da própria complexificação da vida urbana capitalista e dos múltiplos sofrimentos, possibilidades e embates que dela derivam. Não são homogêneos em sua composição e se apresentam muitas vezes como totalmente descolados da organização econômico-política da vida social. [...] Porém muitos partidos políticos e jornais – na maioria das vezes diretamente comprometidos com determinados segmentos de classe – tendem a apagar tal comprometimento, apresentando-se seja como a expressão da “unidade nacional” ou como porta-vozes de uma neutralidade informativa inexistente. Todos, porém, são formas organizadas que remetem às formas da produção econômica (a infraestrutura) e política (ao Estado), embora sua atuação seja eminentemente de cunho cultural (Fontes, 2010).

Contudo, podemos afirmar que o objetivo do modelo neoliberal é elaborar por meio da propagação de uma concepção de mundo tipicamente ahistórica, ou seja, de uma cultura de cooptação e consentimento, de chantagem e ameaça para manter o clima de consentimento necessário a perpetuação dessa sociabilidade (HARVEY, 2008). Todavia, o que passa a ser propagado pelo discurso cultural oficial é uma falsa ideia de conformismo permeado de uma estranha comemoração diante da (falsa) impossibilidade do entendimento da totalidade da práxis social. O que estamos tentando demonstrar é a relação intrínseca e inseparável do momento de afirmação do neoliberalismo enquanto prática econômica e da propagação da lógica cultural ahistórica característica do pós-modernismo. A consolidação das reformas neoliberais resultou claramente na expansão das prerrogativas pós-modernas no terreno da cultura, uma vez que o neoliberalismo leva ao aumento do processo de acumulação capitalista e o discurso pós-moderno se acomoda perfeitamente a essa análise comprometida em afirmar, e reafirmar, a ordem vigente como insuperável. Entretanto, essa perspectiva de criação de uma subjetividade

⁶ Jamenson, 1996, p.284

ahistórica e fatalista necessita de uma organização social que se objetive como única para legitimar o consenso da maioria, ou seja, esse Estado neoliberal precisa, antes de tudo, convencer a opinião pública sobre suas ações e se faz isso pela mão dos “chamados órgãos de opinião pública – jornais e associações”. (Gramsci, 2007, p.95). O processo de ocidentalização das sociedades capitalistas no período neoliberal demonstra a preocupação da classe dominante em “educar o consenso” via seus aparelhos privados de hegemonia, a exploração do ideal de diversidade ou inclusão está em evidência quando o real objetivo é esconder, por meio da propagação de uma lógica cultural pós-moderna as contradições entre capital e trabalho e, dessa forma, obscurecer qualquer processo que objetive passar da emancipação política á emancipação humana. Mas, no momento da atual crise e da contestação mundial desse sistema, quais os perigos que o relativismo pós-moderno ocasiona ao nos depararmos com o intenso aumento de uma onda conservadora global, na qual o desprezo pela democracia burguesa tem relevado movimentos de ultradireita propondo um retrocesso radical?

3. Perry Anderson, historiador marxista conhecido por sua crítica a pós-modernidade e pelo diálogo com Fredric Jameson a respeito do tema, analisou em artigo recente intitulado *Neoliberalismo: ordem contestada*, como os movimentos de oposição das últimas duas décadas se comprometeram a fazer uma crítica, não ao capitalismo em si, mas ao neoliberalismo e a ideologia privatizante do livre mercado e, conseqüentemente, as crises que decorrem das políticas de austeridade fiscal. Ao citar os movimentos que questionam a atual ordem neoliberal, o autor enfatiza que movimentos de direita e de esquerda têm debatido temas urgentes como, por exemplo, a imigração e a crise dentro da União Europeia, com um predomínio para os movimentos de direita por darem respostas mais radicais como saída da crise atual do sistema:

O fato central é o peso maior do conjunto de movimentos de direita em relação aos de esquerda, tanto em número de países em que são mais fortes quanto em força eleitoral. Ambos são reações à estrutura do sistema neoliberal, que tem sua expressão mais aguda e concentrada na EU atual, com sua ordem fundada na redução e privatização de serviços públicos, no abandono do controle democrático e representação; e na desregulação dos fatores de produção. As três tendências estão presentes em plano nacional na Europa e em outras partes, mas são mais intensas no espaço europeu – como atestam a tortura da Grécia, o atropelamento dos referendos e o tráfico humano. Na arena política, eles suscitam temas de preocupação popular, convocando protestos contra o sistema relacionados à “austeridade”, soberania e imigração. Os movimentos anti-sistêmicos diferenciam-se pelo peso que dão a cada tema – ou com a cor da paleta neoliberal que mais hostilizam.

O autor aponta que na França, por exemplo, o tema da imigração tem sido debatido pela Frente Nacional (FN) por um viés profundamente radical e xenófobo, onde a contestação à ordem vigente se direciona para pelo fortalecimento do Estado nacional em relação a União Europeia e a proibição irrestrita da entrada de imigrantes, sobretudo muçulmanos. O discurso intolerante consegue seguidores entre os setores da sociedade mais despolitizados e, principalmente, assustados com o fenômeno do terrorismo. Por parte dos movimentos de esquerda predominam respostas ambíguas, somente questões vagas com relação aos imigrantes e ajustes técnicos a moeda única. Segundo Perry Anderson: *nenhuma destas propostas é tão facilmente inteligível para os eleitores como as proposições diretas da direita*. A reação, principalmente contra o modelo da União Europeia se torna mais consistente nos setores de direita, pois os movimentos de esquerda ainda não conseguiram propor uma agenda verdadeiramente concreta. De forma que, o discurso nacionalista e radical de uma direita, cada vez mais, conservadora, está ganhando força por não encontrar, por parte dos movimentos sociais de esquerda, uma resposta à altura. Fica evidente que na análise do historiador marxista inglês não existe uma crítica que reduza o papel dos movimentos sociais contemporâneos, Anderson não desconsidera o movimento real da história e o processo pelo qual os sujeitos atuam na práxis social em que estão inseridos, apenas aponta o perigo do relativismo, da fragmentação e ambiguidades típicas de um relativismo pós-moderno⁷ na sociedade contemporânea, e a atualidade do aspecto ontológico presente na crítica marxista para propor agenda radical contra o sistema neoliberal em ruínas, visando, assim, enriquecer o debate e a batalha das ideias no cenário de crise atual, no qual a ideia de superação da ordem vigente faça sentido.

O texto de Perry Anderson citado aqui traz uma análise mais profunda a respeito dos problemas travados por movimentos de esquerda e de direita na Europa e nos EUA, não é nosso objetivo aqui aprofundar esse tema, mas, aproveitar a lúcida observação do autor para inserir nossa proposta neste artigo. A realidade enfrentada pelos movimentos sociais e por toda a esquerda atualmente é uma realidade bastante perigosa, desde os anos 80 que o modelo neoliberal vigente não sofre uma crise conjuntural de tamanhas proporções ao redor de todo o mundo, é nesse terreno que a batalha das ideias se faz presente e necessária. Essa crise é o resultado da incapacidade das políticas de austeridade neoliberais de retomar o crescimento e o desenvolvimento econômico nos

⁷ DUAYER, Mario. Antirrealismo e absolutas crenças relativas. Margem Esquerda, n.8. São Paulo, Boitempo, 2006.

países que adotam esse direcionamento político, as crises são colossais e seus impactos cada vez mais destrutivos. O resultado dessas políticas tem sido os mesmos em muitos países, com um aumento significativo da desigualdade social, avanço dos níveis de pobreza, instabilidade financeira e a manutenção dos privilégios dos ricos. No clássico artigo chamado *Balanço do neoliberalismo (1995)*, Anderson já abordava o fracasso do sistema neoliberal no plano econômico e o seu sucesso no plano social, uma vez que conseguiu estabelecer sua hegemonia, ou seja, tornou universal a simples ideia de que não há mesmo alternativas para seus princípios, propagou a ideologia pós-moderna de fim das metanarrativas e incorporou demandas sociais urgentes num tipo de culto à diversidade que fosse conivente a ordem de produção e reprodução do capital. Com a ausência de um projeto de hegemonia articulado por parte da esquerda, o neoliberalismo não só sobrevive a sua própria crise como também abre espaços para o retorno de discursos radicais de ultradireita na sociedade, uma vez que, não se construiu, até aqui, uma crítica com um projeto de socialização que supere os preceitos de legitimação do neoliberalismo - com destaque, principalmente, no que diz respeito ao projeto de repolitização da política sob a égide da expansão do capital, amplamente difundido por uma cultura pós-moderna irracionalista e escapista potencializada pela atuação da chamada indústria cultural. Enfrentar essa concepção que elimina a questão da causalidade histórica e reitera que nada existe para além da diversidade é imprescindível para uma crítica radical. Pois, como afirma Álvaro Bianchi:

É no terreno da cultura que as correntes tradicionalistas, conservadoras, liberais e fundamentalistas estão ganhando a guerra. O sistema de significações que organiza e dá sentido aos modos de vida existentes na sociedade adquire crescentemente características que produzem e reproduzem a heteronomia no lugar da autonomia, a sujeição no lugar da emancipação, o consumo no lugar da fruição. Ninguém expressa isso melhor do que a indústria cultural.

4. Para concluir, a intenção desse artigo é propor a urgência de uma crítica social e cultural que se dê conta dessa problemática e que supere o relativismo ontológico das abordagens pós-modernas, justamente por que é exatamente nessa perspectiva que se sustenta o discurso neoliberal. Sem desmerecer a importância crucial dos que lutam contra as mazelas do capitalismo em todos os níveis, porém a emancipação dos indivíduos enquanto sujeitos ativos na práxis social só é possível quando os mesmos compreendem a realidade em sua totalidade, identificando, assim, as contradições e atuando politicamente para transformar o social em que atuam. O processo de reificação

propagado pelo aumento da importância ideológica, principalmente, da indústria cultural da época do neoliberalismo impõe uma grande dificuldade para a compreensão da realidade e reitera o discurso pós-moderno de fim da história. Num período de retomada de discursos retrógrados e conservadores, nunca foi tão importante enfrentar o relativismo dessas concepções com a retomada de uma análise dialética, humanista e historicista que aponte para a sociedade como uma práxis social construída pelos homens e, portanto, passível de ser modificada pelos mesmos. Uma abordagem com o compromisso não só de criticar o fracasso evidente do neoliberalismo, mas, também, de realizar uma crítica radical ao capitalismo em sua **totalidade**. Isto é, uma crítica que vislumbre a busca por outra cultura, que aponte para outra hegemonia que almeje a construção de uma nova forma de subjetividade e que enfrente os movimentos conservadores para propor uma mudança real e concreta da sociedade atual.

Bibliografia

ADORNO, Theodor; HORKHEIMER, Max. **Dialética do esclarecimento: fragmentos filosóficos**. Tradução de Guido Antonio de Almeida. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1985.

ANDERSON, Perry. **As origens da pós-modernidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1999.

_____. **Neoliberalismo, ordem contestada**. Disponível em <http://outraspalavras.net/destaques/neoliberalismo-ordem-contestada/>

_____. **Balanço do neoliberalismo**. (In SADER, Emir & GENTILI, Pablo (orgs.) *Pós-neoliberalismo: as políticas sociais e o Estado democrático*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1995.

BIANCHI, Álvaro. **A guerra que estamos perdendo**. Disponível em <http://blogjunho.com.br/a-guerra-que-estamos-perdendo>. Acesso em 28/10/2016

CARCANHOLO, Marcelo Dias e BARUCO, Grasiela Cristina da Cunha. **A atual ideologia conservadora e o capitalismo contemporâneo: uma crítica à teoria pós-moderna neoliberal**. Disponível em

<http://econpapers.repec.org/paper/anpen2008/200807091134410.htm>. Acesso em 4/3/2016.

DUAYER, Mario. **Antirrealismo e absolutas crenças relativas**. Margem Esquerda, n.8. São Paulo, Boitempo, 2006.

EAGLETON, Terry. **As Ilusões do Pós-Modernismo**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1996.

GRAMSCI, Antonio. **Cadernos do cárcere vol. 1**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2004.

_____. **Cadernos do cárcere vol. 2**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.

_____. **Os intelectuais e a organização da cultura**. São Paulo, Círculo do Livro: s.d.

HARVEY, David. **A Condição pós-moderna: uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural**. São Paulo, Ed. Loyola, 1992.

_____. **O Neoliberalismo: história e implicações**. Tradução: Adail Sobral e Maria Stela Gonçalves. São Paulo: Edições Loyola, 2008.

HOBSBAWM, E. **Era dos extremos: o breve século XX: 1914-1991**. Tradução de Marcos Santarrita. 2. Ed. São Paulo: Cia das Letras, 1998.

JAMESON, Fredric. **Pós-Modernismo: lógica cultural do capitalismo tardio**. São Paulo: Editora Ática, 2002.

LYOTARD, Jean-François. **A condição pós-moderna**. Rio de Janeiro: José Olympio, 2000 [1979].

MARX, Karl e ENGELS, Friedrich. **Introdução à crítica da economia política**. Coleção Os Pensadores. São Paulo: Abril Cultural, 1987.

MÉSZÁROS, István. **O poder da ideologia**. São Paulo: Boitempo, 2004.

MILLS, Wright C. **A imaginação sociológica**. 2ª Edição. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1969. Pensadores. São Paulo: Abril Cultural, 1974.

FONTES, Virgínia. **O Brasil e o capital-imperialismo: teoria e história**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2010.

WOOD, Ellen Meiksins. **O que é a agenda pós-moderna?** In: Crítica Marxista. Volume 1. Número 3. 1996.